

RELATO DE EVENTO SOBRE A SEMANA BÍBLICA REALIZADA ENTRE 9 E 11 DE SETEMBRO DE 2025 ORGANIZADA EM CONJUNTO ENTRE A PUC-RIO, O CENTRO CRISTÃO DE ESTUDOS JUDAICOS (SÃO PAULO) E O INSTITUTO UNIVERSITARIO ISAAC ABARBANEL (BUENOS AIRES)

Emerson Cardoso Faustino RIBEIRO. Graduado em Teologia e em História; pós-graduação em Sagradas Escrituras do Centro Cristão de Estudos Judaicos (CCDEJ) em São Paulo é Professor de Inglês do Colégio São José Sion Ipiranga – SP.*

Em comemoração aos 60 anos do Concílio Vaticano II e, em particular, da promulgação da Declaração *Nostra Aetate*, a PUC-Rio, o Centro Cristão de Estudos Judaicos de São Paulo e o Instituto Universitário Isaac Abarbanel, de Buenos Aires, promoveram três noites de conferências dedicadas ao aprofundamento histórico, teológico e pastoral do diálogo judaico-cristão. Sob coordenação do Prof. Dr. Pe. Anderson Pedroso, SJ, Reitor da PUC-Rio, e do Prof. Dr. Pe. Donizete Luiz Ribeiro, NDS, Diretor acadêmico do CCDEJ, o encontro reuniu especialistas em formato híbrido, integrando pesquisa acadêmica, testemunho histórico e reflexão sobre desafios contemporâneos.

A primeira noite concentrou-se na chamada “pré-história” da *Nostra Aetate* e foi moderada pela profa. Ana Luiza Grilo Balassiano da ARI. O Rabino Ariel Stofenmacher, Reitor do Instituto Universitário Isaac Abarbanel, apresentou um percurso histórico dos pontificados que, desde o século XIX, moldaram o posicionamento da Igreja Católica diante do judaísmo. De Pio IX, período no qual a teologia da substituição, já presente em muitas comunidades cristãs, atinge a eclesiologia de sua época, passando por Leão XIII, Pio X, Pio XI e Pio XII, Stofenmacher destacou os avanços e limites da aproximação católica ao povo judeu antes da Shoá e durante ela.

A ausência de condenações explícitas, o receio quanto ao sionismo e as ambiguidades pastorais desse período contrastam com a postura de João XXIII, cuja ação diplomática em favor de judeus perseguidos, o repúdio ao deicídio e o reconhecimento da continuidade das promessas divinas prepararam decisivamente o caminho para o texto conciliar.

Na mesma sessão, Pe. Donizete Luiz Ribeiro, NDS, aprofundou a contribuição de figuras cristãs e judaicas que, já no início do século XX, contestaram o “ensinamento do desprezo”. Destacou os religiosos de Sion Pe. Théomir Devaux, responsável pelo salvamento

* E-mail: emerson1996@gmail.com

de centenas de crianças judias na França ocupada, e Pe. Paul Demann, que atuou na Bélgica tanto no resgate de famílias judaicas quanto na revisão da catequese cristã à luz do respeito ao povo de Israel. Demann insistiu na permanência da Aliança com o povo judeu e denunciou a inadequação de enquadrar o judaísmo como religião superada.

Em seguida, Pe. Donizete apresentou o historiador Jules Isaac, autor de obras decisivas como *Jésus et Israël* e *L'enseignement du mépris*, que analisaram criticamente os mecanismos históricos que alimentaram o antisemitismo cristão. Seu encontro com João XXIII, em 1960, e a influência dos Dez Pontos de Seelisberg configuraram marcos fundamentais do processo que culminou na *Nostra Aetate*.

O segundo encontro, realizado no CCDEJ São Paulo, teve como palestrantes o Rabino Alexandre Leone e o Prof. Me. Elio Passeto, NDS, com moderação do Prof. Dr. Marivan Ramos, coordenador do Centro Cristão de Estudos Judaicos. O foco recaiu sobre os conteúdos centrais da *Nostra Aetate* e seus primeiros frutos.

O Rabino Leone descreveu a história das relações judaico-cristãs antes do Concílio, marcadas, em grande parte, por disputas intelectuais assimétricas (*disputationes*) que serviam a objetivos políticos. Ressaltou, contudo, episódios de diálogo autêntico, como a influência mútua entre Tomás de Aquino e Maimônides, as traduções renascentistas e as primeiras tentativas de encontro filosófico entre judeus e cristãos. Mencionou também reflexões de Emmanuel Levinas, especialmente sua participação, nos anos 1950, em conferências inter-religiosas que anteciparam a necessidade de uma visão madura da fé, dialogal e solidária, já prenunciando o clima intelectual que tornaria possível a virada conciliar de 1965.

Leone ainda afirma como a visita do Papa João Paulo II à Grande Sinagoga de Roma foi marcante, por ter sido a primeira vez que isso aconteceu e como este gesto dá um exemplo grande para todos os demais fiéis.

O irmão Elio Passeto, participante remoto direto de Jerusalém, começou sua fala destacando que a Declaração *Nostra Aetate* é o documento conciliar sobre o qual mais artigos e publicações foram produzidos nos últimos 60 anos. Esses escritos que seguem, buscam provocar mudanças da visão cristã sobre o contexto histórico de Jesus, que muitas vezes ignora o elemento judaico. Ao perceber a pertença judaica de Jesus, é impossível negar a relação intrínseca entre Judaísmo e Cristianismo.

Ainda em sua fala, Elio destaca como o número quatro da Declaração acaba com o supersessionismo, ou seja, a teologia da substituição, reconhecendo a validade permanente da eleição de Israel. Ele ainda insiste em mudanças práticas que a introdução deste número favoreceu na prática de fé católica: por exemplo, segundo ele, não se pode rezar como católico

e acreditar que a Igreja substituiu Israel como Povo de Deus. A Igreja se associa a Israel como novo Povo de Deus.

O Professor comenta que o Concílio Vaticano II é o segundo Concílio que debate teologicamente a questão judaica, tendo o chamado “Concílio de Jerusalém”, relatado no capítulo 15 do livro dos Atos dos Apóstolos, sido o primeiro. Enfatiza, portanto, como a Declaração visa recordar aspectos da fé que haviam sido colocados por Paulo em suas cartas ou em demais textos bíblicos, e que acabaram esquecidos ou deixados de lado. Elio chega a retomar uma frase dos bispos alemães, que foi associada por João Paulo II e depois por Bento XVI: “Quem encontra Jesus Cristo, encontra o Judaísmo”.

A terceira noite, moderada pelo prof. Dr. Pe. Donizete Luiz Ribeiro, nds, reuniu o Prof. Dr. Pe. Anderson Pedroso, SJ, Reitor da PUC-Rio, e o Rabino Ernesto Yattah, Vice-Reitor do Instituto Universitário Isaac Abarbanel, oferecendo uma reflexão teológica e ética sobre a atualidade da *Nostra Aetate*.

Padre Anderson destacou que o documento conciliar representou uma ruptura decisiva com o antisemitismo e uma afirmação clara do vínculo espiritual entre cristãos e judeus. Porém, insistiu que o desafio contemporâneo é superar a linguagem da “ruptura” e afirmar com clareza a continuidade: a Primeira Aliança nunca foi revogada. Recordou a imagem do Cardeal Augustin Bea, biblista jesuíta, que comparava a *Nostra Aetate* a um grão de mostarda: pequena em extensão, mas capaz de tornar-se uma árvore acolhedora, na qual muitas tradições encontram espaço. Para o conferencista, o diálogo não pode permanecer em nível meramente cordial: a fé sem compromisso com a justiça social se torna ilusória. Em sua avaliação, o fortalecimento da democracia, o enfrentamento do ódio e a defesa da dignidade humana dependem de uma atuação conjunta do pensamento judaico e cristão.

Padre Anderson também refletiu sobre a necessidade de engajar as novas gerações. Para isso, apontou três caminhos principais: o exercício do pensamento crítico, o senso de responsabilidade pela transformação social (especialmente diante da crise climática, em sintonia com o conceito judaico de *tikkun olam*) e a leveza do humor, elemento marcante da tradição judaica e ferramenta pedagógica eficaz contra um modo rígido e pesado de viver a religião. Inspirado no método do Papa Francisco, insistiu que a teologia precisa partir da realidade concreta, escutando os clamores contemporâneos que não existiam em 1965.

O Rabino Ernesto Yattah, por sua vez, estruturou sua intervenção a partir do pensamento de Abraham Joshua Heschel. Destacou que a modernidade não apenas abalou a fé em Deus, mas sobretudo erodiu a fé no ser humano. A cultura da suspeita, observou, contraria radicalmente a visão bíblica, na qual o ser humano é imagem de Deus. A *Nostra Aetate* recupera

essa confiança fundamental, mostrando que a reconciliação histórica é possível mesmo depois de rupturas abissais como a *Shoá*. O Rabino argumentou ainda que, ao contrário do que sugere a leitura literal de Eclesiastes 1,9, a história humana é sempre inédita: cada encontro é novo, cada evento traz algo que nunca existiu. Assim, a própria *Nostra Aetate* constitui exemplo paradigmático de novidade histórica.

Ao tratar do antisemitismo atual, Yattah apresentou-o como um “mistério” que acompanha o povo judeu desde os relatos bíblicos e frequentemente o coloca na posição do “servo sofredor”, sobre quem recaem tensões e ódios não resolvidos da humanidade. A reflexão conjunta entre judeus e cristãos, sugeriu, continua necessária para compreender e enfrentar esse fenômeno persistente. O conferencista também abordou a crise das instituições modernas, formadas para servir ao ser humano, mas frequentemente transformadas em sistemas aos quais acabamos servindo. A superação dessa crise exige reconstruir a presença humana no espaço público e restituir o caráter humanizador das relações sociais. Concluiu destacando a força espiritual da América Latina, região marcada pelo valor do afeto e da proximidade comunitária, e onde surgem exemplos como o do Papa Francisco, expressão desse potencial humanizador.

Em conjunto, as três conferências evidenciaram que a *Nostra Aetate* permanece um marco vivo para as relações judaico-cristãs. Revelaram também que o caminho inaugurado há seis décadas continua exigindo memória, revisão contínua e discernimento dos novos desafios históricos. A Semana Bíblica reforçou que judeus e cristãos, unidos por uma herança espiritual comum, compartilham hoje a responsabilidade de promover justiça, dignidade humana e esperança ativa em um mundo marcado por tensões, incertezas e possibilidades de renovação.